



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**OLHARES ACERCA DA AFETIVIDADE NA GESTÃO
ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE MORMAÇO (RS)**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Rosmeri Nicolodi Ferreira

**Tio Hugo, RS, Brasil
2009**

**OLHARES ACERCA DA AFETIVIDADE NA GESTÃO
ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE MORMAÇO (RS)**

por

Rosmeri Nicolodi Ferreira

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Ana Paula da Rosa Cristino

Tio Hugo, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**OLHARES ACERCA DA AFETIVIDADE NA GESTÃO
ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE MORMAÇO (RS)**

elaborada por
Rosmeri Nicolodi Ferreira

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ana Paula da Rosa Cristino, Ms. (UFSM)
(Presidente/ Orientadora)

Adalberto Dutra Rossatto, Ms. (FAPAS)

Rosane Carneiro Sarturi, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, 28 de novembro de 2009.

DEDICATORIA

Dedico a minha filha Michele, fonte de afeto e ao meu marido Adelar, pelas vezes que estive ausente, não lhe dando o afeto merecido!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo afeto que recebo diariamente de todas as pessoas que me cercam.

A todos os Alunos das escolas do município de Mormaço, por transbordarem de afeto.

Aos Professores de Mormaço, pela afetividade com que ensinam seus alunos.

Aos Diretores, pelo afeto que oferecem ao grupo de trabalho.

Em especial a minha orientadora Ms. Ana Paula da Rosa Cristino, pela forma afetiva com que me orientastes nesta caminhada.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

OLHARES ACERCA DA AFETIVIDADE NA GESTÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE MORMAÇO (RS)

AUTORA: Rosmeri Nicolodi Ferreira

ORIENTADORA: Ana Paula da Rosa Cristino

Data e Local da Defesa: Tio Hugo/ RS, 28 de novembro de 2009.

Este estudo tem por objetivo compreender as concepções de Afetividade na Gestão Escolar dos gestores das escolas de Ensino Fundamental de Mormaço (RS). Para isso, fez-se necessário realizar uma pesquisa qualitativa de campo, do tipo estudo de caso, que teve como colaboradores 3 professores de anos/séries iniciais e 3 diretores das 3 escolas públicas de Mormaço (RS), assim como a diretora geral de educação do referido Município. As informações foram coletadas através de questionários e analisadas utilizando-se de categorização simples. Questionou-se os gestores (professores, diretores de escola e diretora geral de ensino), quanto a percepção da Afetividade na escola, o que entendem por Gestão Escolar e o que percebem quanto a relação entre a Afetividade e a Gestão Escolar nas escolas de Mormaço (RS). As informações obtidas foram relacionadas com o que falam os autores sobre o tema. Através do resultado obtido nesta pesquisa, percebe-se que os gestores sabem da importância da afetividade no processo de aprendizagem, bem como no ambiente escolar. A falta de afeto compromete o processo de aprendizagem e conseqüentemente a Gestão Escolar. Comprovou-se a preocupação dos gestores com as relações afetivas, tanto na família como na escola. Muitos alunos não recebem da família o afeto merecido, e buscam este na escola. Os gestores através das práticas educativas auxiliam no processo de desenvolvimento de vínculos afetivos, sendo elos de ligação entre a escola e a comunidade. Ainda assim, quanto ao processo de Gestão Escolar, através das PPPs das escolas de Ensino Fundamental pesquisadas, não se evidenciou a participação da comunidade escolar na sua elaboração, e nas tomadas de decisões. Dessa forma, os gestores, necessitam incentivar na escola a maior participação da comunidade, pois através das relações que se propicia com um ambiente agradável e afetivo, há significativas contribuições na aprendizagem e numa boa Gestão Escolar.

Palavras-chave: Afetividade. Gestão Escolar. Aprendizagem.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

AFETIVIDADE PERSPECTIVES ON SCHOOL MANAGEMENT AND THE UNIVERSITY OF MORMAÇO (RS)

AUTHOR: ROSMERI NICOLODI FERREIRA

ADVISER: ANA PAULA DA ROSA CRISTINO

Data e Local da Defesa: Tio Hugo/RS, 28 de novembro de 2009.

This study aims to understand the concepts of Affection in school management for managers of elementary schools of Mormaço (RS). To this end, it was necessary to conduct a qualitative research field, the case study, which had a staff of teachers 3 years / grades 3 and 3 directors of public schools Mormaço (RS) and the director general education of that city. Information was collected through questionnaires and analyzed using a simple categorization. It was questioned managers (teachers, school directors and director general of education), and the perception of Affection in school, what they mean by school management and how they perceive the relationship between affectivity and School Management in schools Mormaço (RS). The information obtained was related to the authors who speak on the subject. With the results obtained in this study, we see that managers know the importance of affectivity in learning and school environment. The lack of affection compromises the learning process and therefore the School Management. Proved the main concern with the relationships in the family and at school. Many students do not receive the family earned the affection, and seek this in school. Managers through educational practices assist in the development of emotional bonds, and links between the school and community. Still, the process of school management through PPPs of elementary schools surveyed, there was no evidence the school community participation in their development, and decision making. Thus, the managers need to encourage the school to greater community participation, as in the relations with that provides a warm and affectionate, there are significant contributions in education and a good school management.

Key-words: Affectivity. School Management. Learning

LISTA DE SIGLAS

CME – Conselho Municipal de Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Km² - quilômetros quadrados

LP – Licenciatura Plena

m – metros

PPP - Proposta Político Pedagógica

RS - Rio Grande do Sul

SMECD - Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 -	Termo de consentimento informado	48
APÊNDICE 2 -	Questionário	49

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO I Afetividade e Gestão Escolar	12
1.1 Considerações iniciais sobre a afetividade e aprendizagem na Gestão Escolar.....	12
1.2 Objetivos	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 Encaminhamentos Metodológicos	14
1.3.1 Caracterização teórico-metodológica da pesquisa	14
1.3.2 Procedimentos metodológicos	16
CAPÍTULO II Relações entre a Afetividade e a Gestão Escolar	18
2.1. Afetividade na Aprendizagem	18
2.2. Perspectivas participativas e afetivas para a Gestão Escolar.....	22
CAPÍTULO III A afetividade no ambiente escolar sobre o olhar do gestor escolar	27
3.1 Caracterização da Rede Pública de Ensino de Mormaço (RS)	27
3.2 Concepções de afetividade na Rede Pública de Ensino de Mormaço(RS)..	30
3.3 Os Processos de Gestão nas Escolas de Ensino Fundamental de Mormaço (RS)	34
3.4 Contribuições da Afetividade para a Gestão Escolar nas Séries/anos Iniciais do Ensino Fundamental em Mormaço.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	49

APRESENTAÇÃO

Sou professora de anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Mormaço (RS), trabalho com o 3º ano do Ensino Fundamental, uma turma com alunos vindos de realidades diferentes e com algumas dificuldades de aprendizagem.

Quando cheguei a esta Escola no início do ano letivo de 2009, os professores, a diretora e demais pessoas da comunidade já me passaram o rótulo da turma. Falaram-me de como deveria agir com eles (os alunos), nenhuma pessoa em momento algum mencionou que deveria agir com afeto com estes alunos. As pessoas com quem conversei apenas me falavam da indisciplina, nunca da aprendizagem e de afeto.

Sabe-se que por traz da indisciplina dos alunos, muitas vezes pode-se ter um problema pedagógico ou psicológico a ser descoberto.

A criança indisciplinada está tentando dizer alguma coisa para a professora. É preciso saber ouvir e compreender a mensagem que se esconde por trás do comportamento manifesto como indisciplinada" (FRANCO, 1986, p. 25).

Esta experiência foi decisiva para a escolha do tema "Olhares acerca da Afetividade na Gestão Escolar no Município de Mormaço (RS)", pois este assunto além de ter marcado muito minha vida pessoal marcou também a vida profissional.

Desta forma, a pesquisa objetiva entender como a afetividade se dá no ambiente das escolas de Ensino Fundamental do Município de Mormaço (RS). Justifica-se a escolha deste tema na pesquisa neste início de século, devido as mudanças ocorridas nos diversos segmentos da sociedade, onde as relações afetivas e os processos de Gestão Escolar não podem ser analisados dentro do senso comum, requer que estes estudos sejam direcionados para uma ação científica e com embasamento ao que dizem os estudiosos.

Diante do exposto e dos inúmeros problemas de aprendizagem encontrados na educação atualmente, bem como altos índices de reprovações, principalmente nos anos/series iniciais faz-se necessário realizar um estudo mais aprofundado sobre as influências da afetividade na aprendizagem, bem como, esta acontece dentro dos processos de Gestão Escolar.

Conforme Lück *et al.* (2001), com a superação do enfoque da Administração para Gestão Escolar, passou-se a atender o âmbito pedagógico, financeiro e os recursos humanos, propondo alterações também nos princípios, valores, concepções, orientações e posturas que vem ocorrendo na educação. A Gestão Escolar sendo responsável por todo o andamento da escola passa a ser responsável pela mediação da relação dos alunos com a sociedade.

A aprendizagem do aluno deve ser o fator mais importante da escola, assim diz Giancaterino (2007, p. 77) diz:

(...) conhecer o aspecto afetivo do aluno é fundamental, uma vez que a aprendizagem pressupõe um bom vínculo afetivo entre professor e aluno principalmente nas experiências escolares.

Desta forma, esta pesquisa pretende analisar a influência do relacionamento afetivo na escola, salientando o processo de aprendizagem e de Gestão Escolar. Para tanto, este trabalho está dividido em três momentos. No capítulo I, faz-se uma reflexão sobre o assunto “*Considerações sobre a afetividade e aprendizagem na Gestão Escolar*”, trazendo os objetivos da pesquisa, a escolha do tema e a forma pela qual se desenvolveu a pesquisa.

“*Relações entre a afetividade e a Gestão Escolar*”, abordada no segundo capítulo buscou o referencial teórico no qual foram subdivididos nos temas: a afetividade na aprendizagem, perspectivas participativas e afetivas para a Gestão Escolar.

No último capítulo, “*A afetividade no ambiente escolar sob o olhar do gestor*”, analisou-se as informações obtidas de professores e diretores das escolas do município de Mormaço (RS) sobre a percepção da afetividade na escola, o entendimento por Gestão Escolar e a relação entre o afeto e a Gestão Escolar.

CAPÍTULO I AFETIVIDADE E GESTÃO ESCOLAR

1.1 Considerações iniciais sobre a afetividade e aprendizagem na Gestão Escolar

Sabe-se que para Wallon¹, a afetividade ocupa lugar central, tanto no ponto de vista da construção da pessoa quanto no conhecimento. “(...) ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie” (LA TAILLE *et al.* 1992, p. 85).

Para Piaget (2001), a cognição é alimentada pela afetividade para seu funcionamento. Ele enfatizou isto quando usou a metáfora: “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura” (p. 5).

Para facilitar o processo da aprendizagem faz-se necessário que a afetividade esteja presente em sala de aula, na escola e na família e em todas as relações sociais já que estes são pontos de encontro dos alunos, fomentando a ação e a reciprocidade entre todos os segmentos que compõe a escola.

Muitos estudiosos já falaram e escreveram sobre aprendizagem com opiniões, teses, teorias, experiências pessoais, dados e pesquisas em diferentes situações. Entretanto os problemas relacionados à aprendizagem são cada vez maiores e mais complexos, diante da situação sócio-histórica-cultural e afetiva no espaço em que vivemos.

Considerando o que Silva (2002, p. 66) enfatiza:

(...) não são os conteúdos que vão estabelecer uma ligação entre professor e aluno. É o tipo de relação que se estabelece entre eles, que dá condições para o desenvolvimento da aprendizagem, independente de quais sejam os conteúdos.

As relações afetivas da criança com os gestores e a escola como um todo interferem no Processo de Aprendizagem? A tentativa não é apresentar uma solução, mas sim, analisar se há interferência do relacionamento afetivo na escola e no processo de aprendizagem, bem como observar e refletir sobre as relações de

¹ Wallon nasceu na França (1879-1962) foi médico, psicólogo, estudou filosofia. Enfatiza o papel da emoção no desenvolvimento humano. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/wallon.htm>>. Acessado em 20 de outubro de 2009.

todos os segmentos no cotidiano escolar e como acontece a Gestão Escolar e esclarecer se a afetividade influencia ou não na aprendizagem.

A Gestão Escolar é vivenciada na educação quando a escola passa a efetivar a democracia. Dessas situações surge um questionamento: Quando temos uma gestão democrática na escola?

A Gestão Escolar deve ser democrática em todas as atividades da escola, principalmente na sala de aula. Acreditamos que a participação dos alunos nos problemas da sociedade, principalmente da comunidade escolar, irá fazer com que os cidadãos tornem-se conscientes, comprometidos, inseridos no meio, que consigam apontar e criar soluções para os problemas. Conforme diz Lück (2000), p. 29:

Não se pode esperar mais que os dirigentes escolares aprendam em serviço, pelo ensaio e erro, sobre como resolver conflitos e atuar convenientemente em situações de tensão, como desenvolver trabalho em equipe, como monitorar resultados, como planejar e implementar o projeto político pedagógico da escola, como promover a integração escola-comunidade, como criar novas alternativas de gestão, como realizar negociações, como mobilizar e manter mobilizados atores na realização das ações educacionais, como manter um processo de comunicação e diálogo abertos, como estabelecer unidade na diversidade, como planejar e coordenar reuniões eficazes, como articular interesses diferentes, etc. Os resultados da ineficácia dessa ação são tão sérios em termos individuais, organizacionais e sociais, que não se pode continuar com essa prática. A responsabilidade educacional exige profissionalismo.

A problemática exige que se estabeleça uma análise das relações concretas de sala de aula e escola para verificar a dimensão da influência afetiva na aprendizagem bem como se dá a Gestão Escolar, levando-se em conta o aspecto sócio - econômico e cultural. Como cita Lück “a criação de ambientes participativos é, pois, uma condição básica da gestão democrática” (2000 p. 27).

Lembrando Deslandes *et al.* (1994 p. 64) “(...) as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano”. Dessa forma, a pesquisa possui a seguinte questão norteadora: Quais são as concepções de afetividade e Gestão Escolar de professores e diretores nas Escolas de Ensino Fundamental do Município de Mormaço (RS)?

1. 2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender as concepções de afetividade e Gestão Escolar de professores de series/anos iniciais e diretores das Escolas de Ensino Fundamental de Mormaço (RS).

1.2.2 Objetivos Específicos

Compreender as concepções de afetividade de professores e diretores nas Escolas de Ensino Fundamental de Mormaço (RS).

Verificar os processos de Gestão Escolar nas Escolas de Ensino Fundamental de Mormaço (RS).

Refletir sobre as contribuições da afetividade para a Gestão nas Escolas de Ensino Fundamental de Mormaço (RS).

1.3 Encaminhamentos Metodológicos

1.3.1 Caracterização teórico-metodológica da pesquisa

Este estudo se caracteriza pelo enfoque qualitativo, norteado pelos paradigmas interpretativos. Como qualquer outra atividade, a pesquisa qualitativa precisa ser planejada, sendo de interesse do pesquisador e ou da equipe envolvida.

Segundo Neves (1996, p. 1) a pesquisa qualitativa é:

(...) um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social (...).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador não vai se deter em números, gráficos e dados, basicamente vai usar a interpretação dos colaboradores, que poderá

ocorrer através de observações, entrevistas e questionários, podendo assim variar muito esta interpretação de acordo com as informações coletadas e o interpretador das mesmas.

Um estudo qualitativo é capaz de revelar uma riqueza maior de dados, bem como facilitar uma exploração maior de eventuais contradições e paradoxos. Alguns dados só são coletados através de métodos qualitativos, por exemplo, a tonalidade de voz dos respondentes, as alterações das feições, as expressões corporais, as diferenças entre o discurso e o comportamento, além de outros (GOMES; ARAUJO 2009 p. 7).

A pesquisa qualitativa aproxima o pesquisador do pesquisado, podendo analisar informações mais próximas da realidade do contexto da pesquisa, incluindo informações que não podem ser quantificados, por responderem a questões muito particulares. Por trabalhar com uma amplitude de significados, que se escolheu realizar este tipo de pesquisa, procurando-se sempre confrontar as informações coletadas através dos questionários com a posição dos autores que falam sobre os assuntos.

A opção pela análise da rede municipal de ensino de Mormaço (RS) encaminhou o tipo de pesquisa para um estudo de caso, sendo esse um dos métodos da pesquisa. Foi definido por Gil (1991) *apud* Young (1960) como:

...um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação (p.59).

É através do estudo de caso que o pesquisador obtém o estímulo a novas descobertas sendo uma das vantagens e também por se processar de forma simples e caracterizar-se pelos relatórios de pesquisa acessíveis.

Por o estudo de caso ser flexível não se pode estabelecer com precisão como se deverá ser desenvolvida a pesquisa. Mas, sim esclarecer os passos a ser delineados, que baseiam-se na delimitação do caso, coleta de dados, análise e interpretação dos dados e o registro das informações através do relatório final.

Portanto, estes foram os elementos metodológicos que constituíram esta pesquisa voltada para o entendimento de gestores (professores e diretores) sobre a importância da afetividade na Gestão Escolar nas Escolas de Ensino Fundamental do Município de Mormaço (RS).

1.3.2 Procedimentos metodológicos

Para a coleta das informações foi utilizado questionário. “Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado” (GIL, 1991, p. 90).

Através do questionário foram coletadas as informações empíricas da realidade destas escolas. O questionário possibilita a obtenção informações a partir do ponto de vista dos pesquisados.

O foco principal desta pesquisa é a investigação sobre o que pensam os professores e diretores sobre como se situa a afetividade e a Gestão Escolar nas escolas do Município de Mormaço.

Sendo assim, participaram deste estudo, as escolas de Ensino Fundamental do Município de Mormaço (RS). Os colaboradores foram 03 diretores, dois de escolas municipais e um de escola estadual. Um professor de séries/anos iniciais de cada escola do Município de Mormaço (RS), sendo 3 professores e a Diretora Geral da Educação, do Município de Mormaço, que é responsável pela coordenação geral da educação da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (SMECD).

O primeiro passo foi a assinatura do termo de consentimento da direção da escola e dos entrevistados para a realização da pesquisa (APÊNDICE 1). Em seguida, foram aplicados os questionários aos gestores: professores e diretores, (APÊNDICE 2) partindo destas informações realizaram-se a análise e a interpretação das informações coletadas por meio de categorização simples, buscando-se uma aproximação com a análise do conteúdo que segundo Bardin (1977, p. 31):

(...) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos, ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Nesta pesquisa foram analisadas as informações colhidas por métodos simples e generalizados através de questionários com perguntas abertas, sendo que se avaliaram os conteúdos de forma rápida pelos assuntos investigados. “(...) o

interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes poderão ensinar após serem tratados relativamente a outras coisas. (*Ibid.*, 1977 p. 38)”.

Ao obter as respostas dos questionários aplicados aos gestores (professores e diretores) nas escolas do Município de Mormaço (RS), foram estabelecidos vínculos entre a realidade social, o referencial teórico do estudo e a relação teoria e prática das informações obtidas.

CAPITULO II RELAÇÕES ENTRE A AFETIVIDADE E A GESTAO ESCOLAR

2.1. Afetividade na Aprendizagem

As pessoas podem desenvolver diferentes tipos de vínculos durante suas vidas. Estes se constroem em diferentes situações e com diferentes pessoas e ambientes. Precisamos estar sempre em relação com o outro, é uma necessidade do ser humano viver em contato com outras pessoas. Nossas relações podem se tornar vínculos afetivos, sendo que os primeiros que estabelecemos no começo de nossa vida, serão responsáveis por todas as relações afetivas que se desenvolverão mais tarde.

Desde o inicio da nossa vida, procuramos de todas as formas e maneiras sermos aceitos e amados pelas pessoas que fazem parte da nossa vida familiar. É comum vermos bebês que se acalmam ao ouvir a voz carinhosa, o cheiro, o toque e o contato com a pele da sua mãe, tornando essa relação mãe-bebê algo mágico, carregado de muita afetividade!

“É sempre a afetividade que se constitui a mola das ações (...) é a afetividade que atribui valor às atividades e lhes regula a energia” (PIAGET, 1964, p. 69).

De acordo com Piaget (1964), a afetividade evolui durante os primeiros anos dando lugar a um quadro que conjugalmente retribui, com exatidão o que foi estabelecido através dos estudos das funções motoras, e cognitivas. Há com eficácia um aparelho constante entre a vida afetiva e a intelectual. Na primeira infância com o surgimento da linguagem, os condutos são profundamente alterados quanto aos aspectos afetivos e no intelectual. Quanto ao aspecto afetivo, segue-se uma série de modificações paralelas ao desenvolvimento de sentimentos como simpatia e respeito e uma afetividade interior organizando-se de maneira estável.

Já na segunda infância, a afetividade caracteriza-se pela aparição de novos sentimentos morais e, sobretudo, por uma organização da vontade, que leva a uma melhor integração do eu e a uma regulação da vida afetiva (PIAGET, 1964).

De acordo com Tiba (2006) as crianças estão indo muito cedo para a escola, quando deveriam estar no processo de socialização familiar, por volta dos dois anos de idade ou até mesmo antes, já estão iniciando a socialização da escola, cortando as fases de socialização.

Com o ingresso da criança à escola, é necessário junto com a adaptação estabelecer um vínculo afetivo com a criança que é também, um dever do professor que deseja facilitar para que a aprendizagem aconteça mais rapidamente.

Mas, escola muitas vezes não está conseguindo trabalhar essa afetividade, tendo em vista, que a relação professor-aluno nos últimos anos precisa ser mais intensa, pois, a escola tem dividido com a família cada vez mais cedo a tarefa de cuidar da criança.

Assim, em busca deste lugar, muitas vezes desconhecido, é que as crianças vão crescendo e acabam cada vez mais cedo e com mais carências afetivas, chegando dentro de uma escola.

É nesse novo mundo a escola, normalmente fechado onde as crianças se sentem presas e pretendem reencontrar o afeto, que perderam na família. Um mundo no qual com exceções, muitos são tratados como seres iguais, onde os professores são muitas vezes seres cansados, desmotivados, desvalorizados e despreparados para perceber o que os alunos buscam que é um relacionamento afetivo. Pois, este mundo a escola, não consegue encantar os alunos, diante de tanta concorrência com os meios de comunicações e meio eletrônicos existentes atualmente.

Segundo Piaget (2009), é indiscutível que o afeto é muito importante para o processo da aprendizagem. O ser humano sem afeto não consegue ser motivado, ter interesse para a busca do desenvolvimento cognição. Em sua teoria o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Ambos andam juntos. Na sua visão o afeto se desenvolve tanto quanto o cognitivo ou a inteligência. Sendo responsável pela ativação da aprendizagem.

Piaget (2009) entende que o afeto explica a aceleração ou o atraso da formação das estruturas, aceleração no caso de interesse e necessidade, atraso quando o afetivo é impedimento para o desenvolvimento intelectual. Na matemática, por exemplo, a compreensão da igualdade pode ser atrasada por situações afetivas, ou pode ser acelerada se houver interesse. Mas, nos dois casos ele acabará mostrando que não alterará o resultado.

Quando não se tem uma estrutura controlada, a falta de afeto, ou seja, o problema afetivo pode levar a criança a erros. Mas, estes, serão momentâneos que os fatores cognitivos controlarão a estrutura independente do afeto. Se o aluno

estiver com problemas afetivos significativos, estes poderão então comprometer o processo de aprendizagem, enquanto ele não conseguir resolver seus problemas (PIAGET, 2009).

Diz La Taille *et al.* (1992), que atualmente há uma tendência de reunir as dimensões afetivas e cognitivas do funcionamento psicológico numa tentativa de recomposição completa do ser.

Em Vygotsky (1989), os aspectos mais abordados e explorados são aqueles referentes ao funcionamento cognitivo, com ênfase nos processos de ensino-aprendizagem e na promoção do desenvolvimento. Ele utilizou os termos “funções mentais” e “consciência” para designar processos que denominamos cognitivos.

Segundo Vygotsky (1989 p. 85):

(...) a separação do intelecto e do afeto é considerada uma deficiência da psicologia tradicional, uma vez que apresenta o processo do pensamento como um fluxo autônomo que pensa a si próprio dissociados da realidade. Diz então, que o caminho para a solução destes problemas de importância vital é a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada idéia apresenta uma atitude diferente, ou seja, relacionada com o caso apresentado.

Para Wallon *apud* La Taille *et al.* (1992), a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto na construção da pessoa quanto no conhecimento que se iniciam num período que ele domina impulsivo-emocional:

A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, a afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o domínio da primeira. (WALLON *apud* LA TAILLE *et al.*, 1992 p. 90).

Segundo La Taille *et al.* (1992), na psicogenética² de Wallon com o desenvolvimento do ser, a afetividade refluí, onde dá espaço para a atividade cognitiva. A partir daí a história da construção da pessoa é formada por momentos afetivos ou por momentos cognitivos não paralelos, onde ambos se integram. A afetividade depende da inteligência para evoluir e vice-versa. As fases do desenvolvimento da inteligência são bem comuns, já não podemos dizer o mesmo

² Psicogenética de Wallon é o estudo da pessoa completa, considerada em suas relações com o meio (contextualizada) e em seus diversos domínios (integradas). Disponível em: <<http://www.neaad.ufes.br/subsite/psicologia/index.htm>>. Acessado em 20 de outubro de 2009.

das etapas da afetividade. Existe uma suposição que ela incorpora na construção da inteligência e mais tarde tende a racionalizar.

Wallon *apud* La Taille *et al.* (1992), diz que a inteligência ainda está associada à afetividade, baseado nessa concepção se estimularmos a inteligência estamos de uma maneira ou de outra alimentando a relação afetiva. Então quando a criança está apta a tomar suas próprias decisões, agir sobre a realidade também já é capaz transcendê-la. A partir daí se dá o desenvolvimento da sua inteligência e também acontece a sua superação, onde se considera seu estado afetivo. “A curiosidade e o desejo de aprender, nas crianças, são atitudes espontâneas (...) exceto quando o fenômeno se passa nas escolas” (LIMA, 1983 p. 101). Nesta questão precisa-se tomar cuidado em como despertar esta curiosidade nos alunos e o desejo de aprender, pois se sabe que sem desejo e curiosidade a aprendizagem não flui, o professor precisa saber como fazer esta mediação, diante de tantos outros atrativos que os alunos recebem fora da escola.

Os gestores precisam desafiar a capacidade dos educandos para que eles se sintam atraídos a aprendizagem. A afetividade seria o primeiro passo dentro de um processo de gestão, mas, muitas vezes esta contraria o processo natural de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, ou seja, deixa de lado o interesse pelo aluno e passa a agir sim conforme o que a sociedade determina.

Os professores já há tempo tentam substituir a indiferença com que tratavam aos alunos por um gesto de carinho, ternura uma palavra de elogio. Quando fala - se hoje na necessidade de afetividade no processo pedagógico trata-se de uma concepção pedagógica. Diz Lima (1983), que a afetividade serve muitas vezes para disfarçar a incompetência dos professores, e leva-se a crer que a amorosidade vai substituir a competência técnica científica:

O sentimento de segurança transmitido pela afetividade que emana do mestre é imprescindível para criar clima de atividade motivada, mas não substitui a necessidade de examinar os problemas decorrentes da ineficiência dos mecanismos intelectuais indispensáveis ao êxito escolar (LIMA, 1983 p. 104).

O problema afetivo poderá interferir no desenvolvimento intelectual da criança, mas depois de sanado deverá desaparecer, se persistir daí sim deverá preocupar o professor, pois poderá ser o problema cognitivo. Diante deste tipo de

situação deve-se cuidar para que a incompetência de muitos professores não se esconda atrás do afeto.

Estranha-se que a teoria freudiana que dá ênfase a afetividade refira-se só a relação pais - filhos, professor - alunos e não da relação afetiva das crianças entre si, mostrando como são importantes as relações entre as crianças não só para a aprendizagem como para a construção de regras de moral. A afetividade é regida pelas regras de relacionamento. A verdadeira pedagogia da afetividade seria a interação das crianças entre si.

O processo afetivo passa, necessariamente, pelas relações conflituais, a eliminação dos conflitos suprime as possibilidades de negociação (equilíbrio), congelando as relações entre os indivíduos em suas fases arcaicas (LIMA 1983 p. 104).

As relações entre as pessoas são resultados da conciliação de seus atos, da afinidade ou não, que as mesmas possuem. Mas, o relacionamento entre duas pessoas ou um grupo, a convivência em si, podem tanto aumentar o afeto com reduzir, pois a afetividade é a energia das relações.

A inteligência é desenvolvida quando tem que criar uma estratégia para satisfazer uma necessidade. O esforço é tão mais forte e resistente quanto maior for o interesse e o grau de afetividade. A cognição é mais intensa quando possui mais afetividade.

A atividade motivada provoca uma necessidade sendo esta a pedagogia adequada para a educação da afetividade e da inteligência, que andam juntas. Os gestores precisam fazer fluir esta motivação em seus alunos e demais segmentos que compõe a instituição escolar, conseqüentemente tendo assim uma relação afetiva em todos os ambientes escolares.

2.2. Perspectivas participativas e afetivas para a gestão escolar

Sabe-se que a boa Gestão Escolar, com certeza influenciara na aprendizagem dos alunos, pois esta deveria objetivar-se sempre em resultados educacionais.

Mas, de acordo com Lück (2006), nem sempre o gestor escolar está preocupado em atender as necessidades da sociedade, muitas vezes ficam

atrelados a projetos de pequenos grupos ou direcionados aos ideais de partidos políticos. Também, periodicamente troca-se de dirigentes recomeçando sempre com uma proposta nova de trabalho, esquecendo a seqüência do processo educacional.

E com esta troca constante de dirigentes, perde-se a articulação entre os sistemas macro e micro de ensino atrapalhando os processos de aprendizagem, pois muitas vezes acontece a passividade do sistema micro sob o macro, onde a gestão educacional repassa as ordens à Gestão Escolar sendo ela obrigada a cumprir, sem ter autonomia para criar suas ações e buscar os resultados almejados junto a comunidade escolar (LÜCK 2006).

Cabe aqui ressaltar também o descaso dos governantes, Secretaria de Educação, diretores, professores e demais gestores onde muitos deles omitem assim as responsabilidades, deveres e obrigações próprias. Estabelece-se aí a necessidade em redefinir a responsabilidade de cada um no grande grupo e não apenas a definição de funções. Pois, as responsabilidades estão centradas no todo em ações de conjunto e as funções em partes isoladas.

O trabalho em conjunto é fundamental. Para Ferguson (1993 p. 180) “é impossível modificar um elemento em uma cultura sem alterar todos os outros”. Baseando-se neste pressuposto fica clara a relação de conjunto, de trabalho participativo, democrático que se deve ter em uma instituição escolar, ou seja, entre professores, supervisores, orientadores e diretores gerando assim um processo contínuo e global.

A Gestão Escolar está muito voltada apenas à parte administrativa e financeira, deixando de lado a parte pedagógica, o relacionamento entre os segmentos de uma escola, o lado afetivo, o trabalho em conjunto, atrapalhando assim o processo educacional.

Na concepção paradigmática a Gestão Educacional se torna uma superação da Administração Escolar como resultado de uma mudança de ótica a realidade (KUHN 1982). Não havendo essa dosagem na parte administrativa e financeira com a pedagógica não há mudança de concepção e não há superação da gestão administrativa.

Lück (1996) citado em Lück (2001) enfatiza que gestão já traz no seu conceito a idéia de participação, do trabalho de pessoas analisando situações e agindo de forma coletiva e construindo as decisões. Normalmente a gestão

participativa é entendida como uma forma de tomar decisões em conjunto. Mas, para esta participação ser considerada positiva, com resultados significativos no processo precisa ser com o envolvimento de todos os segmentos.

A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua *competência* e vontade de compreender, decidir e agir em torno de questões que lhes são afetas” (LÜCK, 1996 *apud* LÜCK *et al.* 2001, p. 17).

Considerando que este poder de consciência e de influência sobre o contexto não existe conseqüentemente, não há consciência de poder de participação, trazendo resultados negativos para a Gestão Escolar.

Dizem que mais difícil do que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. Abandonar uma idéia supõe renunciar a uma parte de nosso pensamento daquele que consideramos verdade durante muito tempo e deixar-se fascinar pelo insólito. É nesta capacidade de fascinação que reside o germen do progresso. (Moreno *et al.*, 1999, p. 9)

Em primeiro lugar para mudar uma cultura precisa-se de consciência crítica e participativa, não é de uma hora para outra, pois ao gerar desconforto, necessita de um trabalho muito bem feito e direcionado à mudança nos ambientes escolares, com muito cuidado para não ser interpretado de forma negativa. Muitas vezes a maioria enquanto gestores (professores e equipe diretiva) querem um processo democrático, mas não se deram conta que terão um processo mais trabalhoso que terão o ônus, então já deixam de ter a efetiva participação.

Segundo Lück (2000) antes da mudança de concepção de escola, tínhamos um diretor estático, sem vez e voz própria dentro da escola, exercia um papel de chefe,... “Seu trabalho constitucional sobre tudo, repassar informações, controlar, supervisionar “dirigir” o fazer escolar de acordo com as normas propostas pelo sistema de ensino ou pela mantenedora” (p. 13). O bom diretor era o que estava disposto a aceitar as normas dos órgãos centrais que fizessem da forma mais correta conforme o estabelecido.

De acordo com o novo paradigma:

Um diretor de escola é um gestor da dinâmica social, um mobilizador e orquestrador de atores, um articulador da diversidade para dar-lhe unidade e consistência na construção do ambiente educacional e promoção segura da formação de seus alunos (LÜCK 2000 p. 16).

Mas, os diretores não são os únicos responsáveis pela motivação, o ânimo e a satisfação. O trabalho do diretor e do professor em conjunto é que farão com que o ambiente melhore dando assim, condições para o ensino e aprendizagem favorável.

Nas escolas bem conceituadas, os gestores trabalham com o planejamento participativo e promovem o senso de coletividade entre os segmentos nas escolas para o ensino também se tornar bom e prazeroso.

O professor precisa estar envolvido efetivamente no processo de Gestão, pois ele é o responsável em colocar em prática os projetos discutidos e construídos em equipe aos seus alunos.

O papel do professor na Gestão Escolar é de dar vez e voz própria aos seus alunos, pais a toda a comunidade escolar, de ser aberto ao dialogo e de construir a aprendizagem com os seus alunos. Ser o mediador do processo de aprendizagem, com visão de conjunto, envolvendo todos os segmentos na construção de projetos, não apenas trabalhar sua disciplina precisa além de ter essa visão do todo, passar aos alunos que não se aprende nada de forma isolada. Como diz Freire (1996), p. 22: "(...) ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção".

O professor precisa ser o gestor da aprendizagem de seus alunos, formando-os críticos, participativos, capazes de pensar de forma coletiva, democráticos, que tenham visão de mundo, abertos as mudanças, as transformações dos saberes, que estejam em constante busca de um novo aprendizado.

Aos responsáveis pela gestão escolar compete, portanto promover à criação e a sustentação de um ambiente propício a participação plena, no processo social escolar, dos seus profissionais, de alunos e de seus pais, uma vez que se entende que è por essa participação que os mesmos desenvolvem consciência social critica e sentido de cidadania (LÜCK *et al.* 2001, p. 18).

Para se ter uma gestão democrática é fundamental se ter um ambiente participativo, onde professores, orientadores, coordenadores pedagógicos e diretores trabalhem em forma de cooperação e participação. Pois, nenhuma escola pode ter uma boa educação, se o diretor se sentir sozinho, sem o apoio dos professores, ou que estes trabalhem tentando solucionar problemas de aprendizagem de seus alunos de forma isolada do contexto geral da escola. Precisa haver sintonia neste processo de Gestão para considerar-se um processo democrático, e o compartilhamento não só nas decisões, como também nas

responsabilidades. A gestão educacional sendo resultado do movimento social, precisa efetivar a participação de todos os segmentos de uma unidade social.

CAPÍTULO III A AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR SOBRE O OLHAR DO GESTOR ESCOLAR

3.1 Caracterização da Rede Pública de Ensino de Mormaço (RS)

O Município de Mormaço está localizado na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul (RS), aproximadamente a 220 km da capital do estado, Porto Alegre. É uma região de baixas altitudes, 413 m acima do nível do mar, com uma área de 146 km². Limita-se ao norte com Victor Graeff e Tio Hugo, ao sul e ao leste com Soledade e a oeste com Espumoso (Mormaço/2004). Mormaço possui 2.578 habitantes, sendo: 471 na zona urbana e 2107 na zona rural (IBGE, 2009).

A Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (SMECD), têm sob a coordenação no município em funcionamento duas (2) Escolas Municipais de Ensino Fundamental, três (3) Escolas Municipais de Educação Infantil e também uma Escola de Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) pertencente à 25ª Coordenadoria de Ensino da rede estadual de educação.

O Conselho Municipal de Educação de Mormaço (RS), possui sistema próprio, que através da Resolução CME 01/2006 e o Parecer CME nº 06/2006, definiu-se e adotou-se para a sua rede municipal o Ensino Fundamental de 9 anos, a partir de 2007 (MORMAÇO, 2006a). O Poder Executivo amparado pelo Conselho Municipal criou através do Decreto Municipal nº 155/2006 de 14/12/2006 que estabelece a partir de 2007 o Ensino Fundamental de 9 anos (MORMAÇO /2006b).

Então, se encontram atualmente as escolas municipais em fase de transição de séries para anos, assim distribuídas as turmas 1º, 2º e 3º anos, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries, sendo que em 2007 ingressaram alunos no 1º ano e na 1ª série, ou seja, no Ensino Fundamental de 8 e 9 anos, e a partir de 2008 sempre ingressarão no Ensino Fundamental de 9 anos, desta forma no decorrer do trabalho menciona-se anos/séries iniciais. A Escola Estadual iniciou o Ensino Fundamental no ano de 2008, tendo hoje em atendimento o 1º e o 2º ano, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries.

Optou-se em analisar o que pensam os professores e diretores das escolas do Município, sendo que colaboraram na pesquisa os seguintes gestores: um professor de cada escola e o diretor, sendo três diretores, três professores e a Diretora Geral da Educação. Ao escolher os colaboradores optou-se pelos

professores e diretores porque estes são os gestores que estão em contato com um maior número de pessoas diariamente dentro da escola e também porque em algumas escolas temos apenas professores e diretor pertencentes à equipe gestora e a diretora geral da educação por estar envolvida com todas as escolas da rede municipal.

Para fins de registro nesta monografia, optou-se por identificar as escolas mencionadas através de letras *A*, *B* e *C*, os professores como flores e os diretores como ervas medicinais. Sendo assim, os diretores das três escolas pesquisadas serão identificados por *Erva-doce*, *Macela* e *Camomila*, os professores pelas flores *Azaléia*, *Hortênci*a e *Tulipa*, e a diretora geral da educação - SMEC como *Cidreira*.

A Diretora Geral da Educação da SMECD, identificada no estudo por *Cidreira* é graduada em História, possui especialização em Gestão, Administração, Supervisão e Orientação Escolar atua no cargo há 10 meses e na rede municipal e estadual há 21 anos.

A *Escola "A"* está localizada na zona urbana, recebe 257 alunos: sendo no Ensino Fundamental 84 alunos nas séries/anos iniciais, 57 alunos na séries/anos finais, com funcionamento no turno da tarde e 116 alunos no Ensino Médio, com funcionamento no turno da manhã. Os alunos de Ensino Fundamental são oriundos da própria cidade, de classe sócio-econômica média alta e os alunos do Ensino Médio de todo o Município. Conta com 16 docentes, 12 funcionárias, 01 orientadora pedagógica, 02 coordenadora pedagógica, 01 diretora, 02 vice-diretora (BRASIL, 2009).

A professora colaboradora da *Escola "A"*, aqui denominada *Azaléia*, atua nas séries/anos iniciais, é graduada em Filosofia LP (Licenciatura Plena), com pós-graduação em Psicopedagogia, atuando na rede estadual/municipal há 19 anos. A diretora, para fins desse estudo chamada de *Erva-Doce* graduada em Letras – LP (Licenciatura Plena) e especializada em Psicopedagogia, atua há 8 anos no cargo, foi eleita pela comunidade escolar e na rede municipal/estadual atua à 20 anos.

A *Escola "B"* está localizada no interior do Município na comunidade de Água Branca, recebe 130 alunos, 62 freqüentam nas séries finais no turno da manhã e 68 alunos freqüentam o turno da tarde séries/anos iniciais. Recebe alunos das comunidades de São João dos Delavy, São Miguel, Dona Elíbia, São Roque, São Bento e a própria comunidade de Água Branca. Conta com 13 docentes, 01 diretora, 01 auxiliar de direção e 04 funcionárias (BRASIL/2009).

A professora da *Escola "B"* aqui chamada *Hortênci*a, que colaborou neste trabalho é graduada em Ciências Biológicas, está atuando há dois (2) anos na escola e na série/ano há 3 meses. A diretora, chamada de *Mace*la, é graduada em Educação Física - LP, esta atuando na direção há 2 anos e na rede municipal de ensino há 5 anos, foi eleita pelos pais, alunos, professores e funcionários.

A *Escola "C"* esta localizada na localidade de Posse Godoy. A escola possui 158 alunos, sendo 88 alunos nas séries/anos iniciais com funcionamento no turno da tarde e 70 nas séries finais, com funcionamento no turno da manhã, recebe alunos das comunidades de Santo Antonio do Jacuí, São Luís, Vila Floresta e da própria Posse Godoy. Conta com 15 docentes, 01 diretora, 03 funcionários, 01 vice-diretor (BRASIL, 2009).

A professora da *Escola "C"* que participou da pesquisa, chamada aqui por *Tulipa*, é graduada em Matemática-LP atua nas séries iniciais há 3 anos e na rede municipal há 4 anos. A diretora, chamada por *Camomila*, que é graduada em Matemática, Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional atua na rede municipal há 21 anos e no cargo há 6 anos.

A PPP (Proposta Político-Pedagógica) da *Escola "A"* é original, ou seja, da própria escola, está voltado para a realidade local. Traz em sua filosofia "Integrar a família, escola e comunidade oportunizando ao aluno condições necessárias para construir o conhecimento..." (MORMAÇO/2009a, p. 5). Enfatiza em sua organização curricular a pretensão em trabalhar o homem como um todo, ser social partindo da realidade e necessidades de forma integrada e interdisciplinar. Cita como prioridade também os 4 pilares da educação: saber a conhecer, saber a fazer, saber a conviver e saber a ser (MORMAÇO, 2009a).

A mesma menciona que a *Escola "A"* irá propor maior espaço aos alunos na construção do currículo e nas tomas de decisões da escola. Mas, atualmente não se evidencia a participação da comunidade escolar na sua elaboração. Quanto a sua avaliação consta estar aberta a alterações quando necessárias (MORMAÇO/2009a).

As PPPs (Propostas Político-Pedagógicas) das *Escolas "B"* e "*C"* são padrão, isto é, a mesma proposta para as duas escolas, elas não evidenciam participação da comunidade escolar na sua elaboração, as mesmas frisam a opinião dos professores sobre os alunos, sobre as famílias que compõe a comunidade escolar e não faz referência às necessidades dos pais sobre a educação dos filhos neste contexto escolar (MORMAÇO/2009b). Ednir *et al.* (2006 p. 51) diz que: " Todos os

que atuam na escola precisam ter claro qual é o seu propósito, qual a sua proposta pedagógica”.

Nas propostas político-pedagógicas das escolas “B e C” não se encontrou evidência de interação da comunidade escolar para a elaboração da proposta curricular, ou seja, o que pretende-se que os alunos saibam, partindo da realidade dos mesmos (MORMAÇO/2009b).

Apresentou-se aqui, a localização Município de Mormaço, a caracterização e a realidade das escolas do município/estado e SMECD (Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto) e os colaboradores (gestores) que fizeram parte desta pesquisa, bem como a organização das escolas. A partir do próximo item teremos as concepções sobre Afetividade, Gestão Escolar e a relação entre ambos dos gestores das escolas do município de Mormaço (RS).

3.2 Concepções de afetividade na Rede Pública de Ensino de Mormaço (RS)

Falar de afetividade é falar da essência da vida. Para os seres humanos são necessidades fundamentais básicas: amar, sorrir, chorar emocionar-se... Sabe-se que a afetividade é essencial tanto na família como na escola e contribui muito para a aprendizagem. Para que as relações afetivas ocorram na instituição escolar os gestores precisam proporcionar através da prática educativa um ambiente agradável e seguro aos alunos e demais segmentos da comunidade escolar. Diz Giancaterino (2007 p. 80), ser essencial a relação afetiva na sala de aula:

Na escola, é essencial haver um clima de afeto com relação aos educandos, de forma a encorajá-los a ter confiança nas suas próprias possibilidades de experimentar, descobrir, expressar-se, ultrapassar seus medos, ter iniciativas, entre outros.

Considerando tal importância, a seguir passaremos ao relato dos gestores após serem questionados sobre como percebem a afetividade na escola?

A afetividade na escola, no ambiente escolar, contribui para o processo ensino-aprendizagem, considerando que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas estabelece uma relação de troca. A afetividade é necessária na formação das pessoas. O olhar, o amor do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso de aprendizagem. As escolas deveriam entender mais de seus humanos e de amor do que conteúdos e técnicas educativas (Erva - doce, Escola A, 2009).

Quando *Erva-doce da Escola A* diz que o professor transmite uma relação de troca no momento da aprendizagem, associamos ao que Piaget *apud* Giancaterino (2007 p. 79) diz:

(...) que, pela reciprocidade, ocorre a descentração afetiva que leva os sentimentos e a vida moral. O amor só é mútuo e duradouro se há reciprocidade com outra pessoa, quando se tem o mesmo interesse e valor. Trazendo para a escola, observa-se, entretanto, que, se não houver entre professor e aluno interesses comuns, dificilmente haverá um bom desenvolvimento na aprendizagem.

Macela, diretora da *Escola "B"*, em seu conceito, fala dos cuidados quanto a forma de relacionamento que muitos dos gestores precisam ter, principalmente no ambiente escolar, sendo estes observados ou até mesmo sentidos pela criança. Pois, os gestores muitas vezes podem ensinar mais pelos seus atos do que com a ação pedagógica planejada:

Entre os alunos, principalmente nas séries iniciais a amizade e o companheirismo ainda não está corrompido pela maldade que há nos adultos. O funcionalismo infelizmente é visto como uma classe desunida onde um passa por cima dos outros, esquecendo que no meio a criança observa e absorve tudo o que acontece ao seu redor (Macela, Escola B, 2009).

De encontro ao assunto cita-se o que Delors (2005, p. 196) diz sobre a influência do ambiente:

Os meios de vida, de estudo, por onde circulam os aprendizes são tão importantes quanto as atividades educacionais que abrigam. Sua influência deve-se ao fato que eles são desigualmente motivadores, diferentemente estimulantes e mais ou menos propícios a aprendizagens significativas. A cultura oculta da instituição, da família e da sociedade é igualmente um fator de ensino.

De acordo ao que Wallon fala (1975, p. 174): "O grupo é indispensável à criança não só para a sua aprendizagem social, mas também para o desenvolvimento da sua personalidade e para a consciência que pode tomar dela".

Na opinião de *Camomila da Escola C*:

A afetividade na escola é indispensável para que o ambiente escolar seja um lugar agradável, onde toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários e pais) sintam-se como parte integrante do processo ensino aprendizagem. Acredito que o bom relacionamento entre todos possa melhorar o desempenho dando mais confiança para o desenvolver de novas

atividades tanto dos professores como dos alunos (Camomila, Escola C, 2009).

Lembrando Vigotsky (1989), somente quando o individuo interage com as outras pessoas, que acontece o desenvolvimento e a aprendizagem, pois para ele o individuo precisa de socialização com o outro ser.

Azaléia, colaboradora da *Escola A*, conceitua a afetividade da seguinte forma:

A afetividade é algo necessário em sala de aula, o aluno agressivo, geralmente, é aquele que é agredido e, da sua maneira, está pedindo um pouco de carinho. Se o profissional não souber entender a agressividade será muito maior (Azaléia, Escola A, 2009).

Azaléia da Escola A, fala da necessidade do afeto na sala de aula bem como da reação que podem ter os alunos com a falta dele. Sobre o comprometimento da ação na falta do bem estar afetivo, enfatiza então Giancaterino (2007, p. 64):

Quando o ser humano não esta bem afetivamente, sua ação como sujeito social fica comprometida, sem expressão e sem força (...). Por isso ao receber uma criança na sala de aula, deve-se ter a convicção de que ela traz todas as impressões vivenciadas durante a vida.

Com certeza, precisamos proporcionar um ambiente afetivo aos alunos na sala de aula, na escola com todo, para que os mesmos se sintam bem, motivados, sejam recebidos com aconchego a este ambiente escolar. Pois, desta forma eles irão se sentir seguros e retribuir este afeto, não só ao professor como aos colegas facilitando o relacionamento e a aprendizagem.

Tulipa da Escola C enfatiza a existência do afeto entre professores e alunos e também entre os próprios alunos, quando diz:

A afetividade ainda existe, principalmente, em nosso caso com parte dos profissionais que trabalham com educação. Entre os alunos sentimos também que muitos demonstram afeto tanto com professores como com seus colegas (Tulipa, Escola C, 2009).

A relação afetiva entre professores e alunos e entre os próprios alunos, poderá auxiliar o professor na sala de aula, no processo de ensino aprendizagem. Quando Vigotsky (1984) *apud* Zanella (2001) fala da ZDP³ (Zona de

³VIGOTSKY (1984), faz referência a Zona de Desenvolvimento Proximal como a distância entre os níveis de desenvolvimento “real” e “potencial”.

Desenvolvimento Proximal), está falando do que as crianças conseguem resolver sozinha e o que elas conseguem resolver com a ajuda de um adulto ou de um próprio colega com mais conhecimento, levando-o a aquisição destes conhecimentos que até ai não possuía.

Já *Hortência da Escola B*, quando fala a seguir no potencial do aluno, segundo Rego (1995) também está falando do nível de desenvolvimento real, que são as conquistas consolidadas no aluno, ou seja, aquilo que ele já sabe, o que ele consegue fazer sozinho.

É de grande importância estabelecer relações de afetividade com o aluno. Incentivá-los sempre sabendo seus pontos positivos, mostrar que ele é capaz, acreditar no seu potencial" (Hortência, Escola B, 2009).

O afeto auxilia no processo de aprendizagem, mas muitas vezes os gestores precisam encontrar novas práticas pedagógicas para trabalhar este afeto, usando a inteligência intrapessoal, também fazendo com que o aluno se sinta valorizado, seguro, protegido, que aprenda com emoção. Diz Giancaterino (2007 p. 80-81):

Para auxiliar a criança a elevar sua auto-imagem, é preciso elogiá-la quando realiza tarefas com esforço e dedicação, incentivá-la a fazer mais e melhor, fazê-la sentir-se importante, ouvindo-a respeitando seus limites. Mas, acima de tudo, fazendo-a ver que consegue realizar os trabalhos propostos.

Nesse sentido, segue a compreensão da Diretora Geral da Educação da SMECD sobre as relações de afetividade nas escolas públicas do Município de Mormaço (RS), na qual *Cidreira* diz:

Percebo a afetividade no momento em que o professor consegue manter com sua turma um ambiente de aprendizagem, onde todos possam manifestar sua opinião discordando e respeitando a do outro, e nestes momentos de debate quando a voz do professor diz que o tempo acabou todos devem respeitar. Tendo este nível de ordem em sala de aula consegue-se perceber um vínculo afetivo e ao mesmo tempo de autoridade. Pois, entendo que em uma sala de aula ou no âmbito escolar, todos devem respeitar-se e viver de forma harmônica. Porém, uma hierarquia deve ser obedecida (Cidreira, SMECD, 2009).

Os responsáveis por proporcionar o ambiente afetivo na sala de aula e na escola são os gestores. De encontro ao tema em pauta fala Giancaterino (2007, p. 82) "(...) cada instituição de ensino, em seu espaço educacional, deve procurar dentro da sua realidade social e cultural estratégias para trabalhar a afetividade, uma vez que, depende principalmente do olhar de cada educador."

O afeto e o limite devem ser paralelo na relação professor x aluno, pois limite também contribui de forma fundamental na aprendizagem e na formação da criança. A maioria dos pais e dos gestores precisa estabelecer junto com a relação afetiva, o limite aos filhos e alunos, que através do diálogo ainda é a melhor forma de resolver os problemas de falta de disciplina e limites.

Através das informações dos gestores sobre as concepções de afetividade nas Escolas de Ensino Fundamental do Município de Mormaço, contatou-se que para eles é considerado de suma importância o afeto na família e dentro da instituição escolar.

3.3 Os Processos de Gestão nas Escolas de Ensino Fundamental de Mormaço (RS)

Partindo do pressuposto que a Gestão Escolar almejada somente acontece se houver coletividade, responsabilidade e interação, superando a fragmentação e a descontextualização do ensino, é que esta ganha importância e significado nas escolas.

Os alunos, professores, diretores, coordenadores pedagógicos e demais funcionários são as pessoas que formam o ambiente escolar nas escolas da rede pública do Município de Mormaço (RS). Ambiente este que precisa ser saudável, com afeto, para que os alunos se sintam seguro e para que a aprendizagem possa fluir, tendo assim emoção em aprender. Então veremos o que pensam os gestores do Município, quando questionados sobre o que entende por Gestão Escolar.

Erva-doce da Escola "A" em seu conceito cita:

Gestão Escolar é gerir uma instituição escolar desenvolvendo estratégias no cotidiano com a finalidade de uma democratização da gestão educacional. A gestão escolar promove a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio-educacionais dos estabelecimentos de ensino orientados para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos (Erva-doce, Escola A, 2009).

Sobre Gestão Escolar Lück (2000, p. 8) fala da sua importância quando enfatiza:

A gestão escolar constitui uma dimensão importantíssima da educação, uma vez que, por meio dela, observa-se a escola e os problemas educacionais globalmente, e se busca abranger, pela visão estratégica e de conjunto, bem como pelas ações interligadas, tal como uma rede, os problemas que, de fato, funcionam de modo interdependente.

A questão está realmente na mudança de concepção de Gestão e escola para um novo enfoque sendo do modelo estático para o dinâmico através da construção e aquisição de um processo com autonomia. Precisando assim promover a mobilização da participação efetiva de todos os segmentos para garantir a democratização e descobrir soluções de forma coletiva para a resolução de problemas, promovendo assim uma maior responsabilidade de todos os envolvidos e conseqüentemente uma melhor aprendizagem aos alunos. Entendo que não há gestão participativa sem autonomia. Na concepção de Lück (2000):

(...) A autonomia é característica de um processo de gestão participativa que se expressa, quando se assume com competência a responsabilidade social de promover a formação de jovens adequadas as demandas de uma sociedade democrática em desenvolvimento mediante aprendizagens significativas (...) (p. 21).

Para Macela da Escola “B” o conceito está vinculado a um processo:

É o processo que se conduz todo o ensino-aprendizado dentro de uma instituição de ensino e que vai refletir futuramente na vida pessoal e profissional de nossos alunos (Macela, Escola B, 2009).

Realmente, pois qual seria o objetivo de uma escola, de um processo de Gestão Escolar, se não, refletir na aprendizagem dos alunos. Mas, para isso precisamos de uma organização, de uma equipe de trabalho comprometida e responsável.

Então associamos ao que Lück 2000, sintetiza sobre como deve ser o processo da Gestão Escolar:

(...) o processo de gestão escolar deve estar voltado para garantir que os alunos aprendam sobre o seu mundo e sobre si mesmo em relação a esse mundo, adquiram conhecimentos úteis e aprendam a trabalhar com informações complexidades gradativas e contraditórias da realidade social, econômica, política e científica, como condição para o exercício da cidadania responsável (*Ibid.* p. 8).

Então esta equipe escolar através do trabalho constante, coletivo e participativo precisa fazer a ligação entre a comunidade escolar e a sociedade com o

objetivo de a partir da realidade de nossos alunos, torná-los críticos, conscientes, participativos e responsáveis para enfrentar o mundo.

Camomila, diretora da *Escola C* entende que:

Gestão Escolar é o que envolve todas as questões referentes ao processo educacional, que vai muito além do espaço físico, além do ambiente escolar, pois envolve a sociedade como um todo. É toda a organização financeira, administrativa e pedagógica da escola (Camomila, Escola C, 2009).

A Gestão Escolar acontece quando a escola efetiva a democracia no cotidiano de suas atividades. Quando passamos a ter uma participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar nos diferentes setores da escola, sendo no pedagógico, administrativo e financeiro. Pois o gestor que conseguir envolver-se em todas as questões escolares e conseguir a participação de todos os segmentos da comunidade escolar, com certeza este estará desenvolvendo um processo de gestão participativa.

No entendimento de *Azaléia* da *Escola "A"*, Gestão Escolar é: "*Toda a atividade administrativa que diz respeito ao andamento da escola.*" Então veremos o que Kuhn (1982, p. 55) ressalta sobre este assunto:

A gestão aparece, pois, como superação das limitações do conceito de administração (...) como resultado de uma mudança paradigmática, isto é de visão de mundo e *óptica* com que se percebe e reage em relação a realidade.

Kuhn (1982) enfatiza a forma de vermos a realidade social, pois, hoje já não podemos ver a educação de forma fragmentada, precisamos ver de forma interativa na sociedade. Mas, para que isto aconteça precisamos ter consciência, consciência participativa neste processo.

Esta superação da administração para a Gestão não pode ser esperada que aconteça quem deverá fazer acontecer são os próprios integrantes de uma instituição escolar, através de idéias coletivas e de muito trabalho participativo.

No caso das informações sobre Gestão Escolar de *Azaléia* da *Escola "A"*, percebe-se que está faltando liderança participativa na Gestão Escolar, pois o processo é visto por ela como fragmentado, enquanto outros membros da mesma escola possuem visão diferenciada sobre a gestão, considerando assim que este processo participativo não esta sendo efetivo.

Tulipa da Escola “C” afirma:

Entendo por gestão escolar como um processo democrático que visa possibilitar a participação efetiva de toda a comunidade escolar nas questões que envolvem a escola em si. Seja através da formação de seu grêmio estudantil ou de uma eleição para diretor ou em outras, que acontecem no dia-a-dia escolar (Tulipa, Escola C, 2009).

“A gestão participativa pressupõe a existência de espaço para opinar sobre a escolha de diretores (...)” Lück *et al.* (2001, p. 89). Mas, sabemos que nas escolas municipais de Mormaço (RS) a gestão participativa não acontece na íntegra, pois, não há mais eleição de direção de escola. A escolha do diretor passou a ser vista apenas pelo executivo municipal, a comunidade escolar não terá mais oportunidade de participar desta escolha, pois a Lei Municipal de escolha de diretor de Escola foi revogada ainda este ano. Com os diretores sendo indicados pelos órgãos centrais pode-se dizer que não há gestão participativa e dentro desta perspectiva não podemos nem mesmo efetivar a prática da democracia na escola.

A prática individualista e competitiva (...) muitas vezes expressada de forma camuflada e sutil, deve ser superada gradativamente em nome de ação coletiva pela qual, no final, todos saem ganhando aprimorando-se no exercício da democracia e da socialização como forma de desenvolvimento individual (*ibid.* p. 89).

Hortência, colaboradora da *Escola B*, já diz que:

Gestão escolar engloba o pedagógico, administrativo e recursos humanos. Estas três áreas devem funcionar interligadas visando o sucesso do processo educativo (Hortência, Escola B, 2009).

Então associando a opinião de *Hortência* ao que Libert (1971) *apud* Lück *et al.* (2001) enfatiza sobre a questão dos recursos humanos.

Os dirigentes com melhores índices de desempenho concentram sua atenção, primeiramente no aspecto humano dos problemas dos seus subordinados no empenho em construir grupos de trabalho eficazes com objetivos desafiadores (p. 39).

Quando temos profissionais com sua vida pessoal, familiar bem resolvida, certamente este terá também um melhor desempenho na vida profissional. Cabe neste caso então aos diretores, darem atenção ao estado físico e emocional do seu

grupo de trabalho, estes precisam estar bem para transmitir aos demais segmentos da escola esse bem estar, promovendo assim um melhor desempenho pedagógico.

Como relatou a gestora *Hortência*, as três áreas; o administrativo, o pedagógico e os recursos humanos estiverem interligados os resultados serão visíveis no processo educativo, ou seja, irão refletir no aluno, pois teremos profissionais mais comprometidos e conseqüentemente alunos mais comprometidos com a realidade social.

Cidreira da SMECD, quando enfatiza que Gestão é tudo o que está relacionado à Escola, deixa de relacionar a questão participativa, pois a Gestão Escolar exige participação, trabalho em equipe e discussões conjuntas levando aos mesmos idéias. Mas, esta participação efetiva, deve ser oportunizada e privilegiada, pois a tomada de decisões coletiva faz com que a comunidade se torne responsável. Certamente, quando as decisões são autoritárias vindas somente da direção com certeza não se tem êxito e soluções na instituição escolar.

Entendo por Gestão Escolar tudo que esta relacionado a Escola. Seja no âmbito pedagógico (cuidado com a área educativa) âmbito administrativo (setor físico da escola e legislação) âmbito dos Recursos Humanos (setor mais sensível de toda esta área) (Cidreira, SMECD, 2009).

Nesse sentido, Lück *et al.* (2001 p. 89), escreve:

Há muitos campos de ação quando falamos em gestão escolar. A abordagem de gestão participativa pode trazer benefícios significativos para as escolas em que a gestão de pessoas se de tal forma que encoraje tanto a criatividade, como o trabalho em equipe, na resolução de desafios cotidianos.

Os gestores ao manifestarem-se sobre Gestão Escolar quando questionados deixam transparecer que Gestão necessita ser participativa, com pensamento e ações coletivas e integradas com a comunidade escolar.

3.4 Contribuições da Afetividade para a Gestão Escolar nas Séries/anos Iniciais do Ensino Fundamental em Mormaço

A boa interação entre todos os membros de uma escola com certeza contribui muito na aprendizagem dos alunos. Pois, o relacionamento afetivo entre estes pode ser um ponto muito importante para o sucesso da escola como um todo.

Giancaterino, (2007 p. 74) diz que:

O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem. Observa-se, entretanto, que podemos aprender imensamente na troca de experiências e no contato com as pessoas.

Então veremos o que os gestores percebem quanto a relação entre a afetividade e a Gestão Escolar nos ambientes das escolas do município de Mormaço, quando questionados:

Segundo a *Erva-doce da Escola A*: “A afetividade na escola proporciona autoconfiança e auto-estima, fazendo com que os professores, gestão escolar (equipe diretiva) e alunos tenham uma relação segura.” A mesma colaboradora fala da importância da afetividade para a autoconfiança e auto estima entre os gestores da escola e alunos. De acordo com Gardner (1986 *apud* Lück 2001):

Comunicação eficaz entre os líderes e seus liderados é a base para a criação da autoconfiança da interação entre líder e liderado (...) os líderes constroem confiança ao dar poder aos seus liderados (p. 43).

Questionamo-nos, como seria um trabalho sem autoconfiança e sem confiança entre os membros que trabalham juntos em uma mesma instituição, com certeza um trabalho muito difícil, pois a autoconfiança e auto estima são requisitos essenciais para um grupo de trabalho e para se ter educação com qualidade em uma instituição.

“O aprendizado só acontece quando levamos em conta os sentimentos, os valores e as atitudes positivas dentro da escola e fora dela também” (Macela, *Escola B*, 2009). Para que possamos levar em conta estes sentimentos, precisamos estar motivados, pois a motivação estimula as pessoas a agirem, estimula a aprendizagem. De acordo com Lück *et al.* (2001), a motivação é o acesso principal

ao desempenho de atividades com qualidade, seja no trabalho ou no lazer, em atividades pessoais ou profissionais.

Camomila também acredita que através das trocas de idéias entre a comunidade escolar poderá se poderá ter uma educação com qualidade ao enfatizar:

A relação entre afetividade e gestão escolar deve estar paralelas para que se consiga um trabalho eficiente, pois é através do dialogo, da troca de idéias, da interação não só professor x aluno como de troca a comunidade escolar que se poderá desenvolver uma educação com qualidade (Camomila, Escola C, 2009).

A instituição escolar deve ter um ambiente adequado para a aprendizagem, um espaço de alegria, de afeto, de relações harmoniosas, aconchegantes e onde prevaleça o diálogo. Pois, num ambiente assim, todos os segmentos da instituição terão mais prazer, motivação em trabalhar. Segundo Giancaterino (2007 p. 79):

(...) a prática educativa na escola deve primar pelas relações de solidariedade, proporcionar situações que lhe dêem prazer de construir conhecimento, de crescer junto com o outro. Não há mais espaço para uma educação individualista, quer seja do ponto de vista do aluno ou do professor.

A educação precisa ser construída, o aluno precisa construir o seu saber, as suas relações afetivas, com a mediação do professor e muitas vezes como cita *Azaléia* aprende mais através do exemplo das boas atitudes, do que as próprias práticas educativas.

Se os administradores escolares tiverem uma posição positiva e correta numa mesma linha, mesmo que muitas vezes, não agrada a todos, sendo o correto todos entenderão e a afetividade será bem entendida. Só se entende boas atitudes quando se vive boas atitudes (Azaléia Escola A, 2009).

Baseando-se no diz que Lück *et al.* (2001), o desenvolvimento em equipe é uma dimensão básica do estilo de gestão participativa. O bom diretor é um líder que trabalha para desenvolver uma equipe composta por pessoas que conjuntamente são responsáveis por garantir o sucesso da escola. Os gestores usando-se da gestão participativa e democrática dentro da instituição escolar, vão seguir a linha de trabalho decidida pelo próprio grupo e agindo assim, terão ambientes de trabalhos agradáveis com relações afetivas.

Sobre este questionamento, a Professora *Tulipa* comenta que:

É uma relação importante, pois demonstrando afetividade, amor e respeito para com os outros e com o trabalho diário é possível transformar a realidade de uma escola e os ambientes de aprendizagem, contribuindo para a formação do caráter dos indivíduos envolvidos no processo de educar (Tulipa, Escola C, 2009).

Baseando-se no que *Tulipa* diz, para realizar-se uma boa Gestão em uma instituição escolar precisam-se construir coletivamente as regras, para que aconteçam as mudanças necessárias nas escolas. Pois, para haver mudanças deve-se ter vontade de mudar e acreditar que a mesma possa acontecer.

“Os bons gestores compreendem que mudanças na prática docente não podem ser impostas (...). Somente quando os gestores se dão conta dessa realidade é que eles começam a se transformar em mestres da mudança” (EDNIR *et al.* 2006, p. 15).

Outra colaboradora complementa o questionamento, relatando que:

A escola muitas vezes preenche lacunas deixadas pela família. Deixa de lado sua função como instituição formadora para assumir funções que seriam do âmbito familiar. (Hortência, Escola B, 2009).

Por melhor que seja, a escola tem funções e responsabilidades diferenciadas das que as famílias efetivam. Funções e responsabilidades estas, que as famílias estão deixando de exercer com os filhos, deixando de dar o afeto merecido, a disciplina necessária para que os mesmos tenham uma boa conduta no futuro. E a escola passando assim a assumir funções que não eram suas em outros tempos, deixa muitas vezes de aprofundar seu papel que é o da formação social, de promover o desenvolvimento cognitivo e afetivo do ser humano. Giancaterino (2007) fala dos problemas de indisciplina vindo das famílias para a instituição escolar:

O grande foco de crítica é atribuição de responsabilidade dos problemas de indisciplina na escola está sendo o aluno e, especialmente, a família. De fato, percebe-se que muitas famílias estão desestruturadas, desorientadas com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades, em uma demonstração de acreditar que cabe a instituição educacional o controle geral do comportamento de crianças e adolescentes (p. 88).

A falta de estrutura das famílias de que fala Giancaterino (2007) onde recaem muitas das responsabilidades familiares à escola, está sobrecarregando a escola, sendo que, se os gestores não tiverem uma prática educativa adequada, a escola não obterá o sucesso e a qualidade desejada na educação. Então enfatiza

Cidreira, que pelo motivo dos gestores estarem mais ligados aos humanos os vínculos afetivos se tornam propícios.

O afeto é um sentimento que deve estar presente em tudo que se faz. Quando estamos falando em escola então este sentimento não pode faltar, pois, não concebo a educação sem emoção, entrega, amor. Estamos diretamente ligados com pessoas em nossa profissão e estas após termos criado um vínculo de afeição tudo fica mais fácil. As relações de troca tudo acontece de forma natural. O trabalho flui melhor no ambiente escolar, prevalece um clima de camaradagem o que é percebido por todos que ali chegam. Com certeza, o gestor que consegue manter em sua escola uma linha de afetividade sem deixar de ser administrador terá um ambiente onde todos os profissionais desejarem trabalhar e em consequência pais matriculem seus filhos (Cidreira, SMECD, 2009).

Para Vigotsky citado em uma das obras de Rego (1995), não é possível separar o intelecto do afeto. Cognição e afeto inter relacionam-se exercendo influência recíproca ao longo de todo o desenvolvimento do indivíduo. Desta forma, não há aprendizagem sem afeto. O afeto é muito importante para a educação, muitos gestores e estudiosos tem demonstrado sua preocupação com o assunto afetividade. Freire (2001 p. 75) demonstra esta preocupação ao questionar:

“Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem eu me comprometo e o próprio processo formador de que eu sou parte?”

Os gestores ao estabelecerem as relações como já falamos, necessitam de amor próprio, de auto-estima e autoconfiança, para assim estabelecer relações com as demais pessoas com quem convivem dentro da família, da escola e da sociedade. Pois são em ambientes afetivos e harmoniosos que ocorre o ensinar e o aprender.

Nas contribuições dos gestores sobre a afetividade e Gestão Escolar nas series/anos iniciais das escolas de ensino fundamental deste município é evidenciado através das colocações dos mesmos que as relações afetivas devem existir e são de suma importância para a Gestão Escolar destas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este estudo e reflexão sobre as contribuições da afetividade no processo de aprendizagem e na Gestão Escolar, algumas idéias merecem fazer parte da conclusão deste trabalho, evidenciando a importância do afeto nestes processos.

Lembrando Wallon *apud* La Taille (1992), a afetividade e a inteligência não são paralelas, elas são integradas. Sendo que uma depende da outra para evoluir. Já Vigotsky (1989), comenta que a afetividade e a cognição são unificadas e paralelas ao desenvolvimento do ser humano. Por sua vez segundo Piaget (2009), a afetividade e a cognição andam juntas. Sendo a afetividade responsável pela aceleração ou não da cognição.

Por esse caminho, sabe-se que em algumas escolas a afetividade já faz parte do currículo escolar. Já em outros ambientes como em muitas famílias o afeto está diminuindo, alguns pais estão tentando passar esta atribuição para a escola. Mas, apesar da afetividade influenciar no processo de aprendizagem, a escola não é a única responsável pela relação deste processo, sendo que a aprendizagem deve dar continuidade a aquisição de valores que tiveram início na família, e à escola cabe valorizar os conhecimentos trazidos dos alunos para dar seguimento ao processo.

A aprendizagem fica mais significativa quando existe uma troca entre professor e aluno, uma relação recíproca, de aprender e ensinar. A escola deve ser uma desafiadora das capacidades dos alunos ao mesmo tempo deve atraí-los através de relações afetivas para este “aprender a aprender” e para o “querer aprender”. Os gestores além de serem mediadores da aprendizagem, precisam encontrar formas de desenvolver vínculos de confiança para melhorar cada vez mais as relações afetivas que com certeza contribuirão muito para a efetiva aprendizagem dos alunos e o andamento geral da escola. Diz Giancaterino (2007 p. 93): “A aprendizagem só pode ser produzida a partir de um contato afetivo com os conteúdos”.

As relações afetivas podem ser o elo de ligação entre os gestores e os demais segmentos da escola, pois através destas relações os gestores resgatam a

participação da comunidade escolar para o cotidiano nas práticas pedagógicas. Uma Gestão Escolar com a participação efetiva de todos os segmentos da escola, nas tomadas de decisões, nas responsabilidades e nas práticas pedagógicas será possível constituir uma gestão democrática.

Nesta pesquisa, evidencia-se através do olhar dos gestores o reconhecimento da importância da afetividade no processo de Aprendizagem e Gestão Escolar. Pois, as relações afetivas precisam ser uma constante na vida do ser humano, quer seja, na família ou na escola através das práticas pedagógicas e até mesmo na sociedade.

Sob olhares dos Gestores das escolas públicas do Município de Mormaço (RS), a Gestão Escolar precisa ter autonomia e a interação da comunidade escolar, com efetiva participação de todos os segmentos na tomada de decisões. Partindo deste pressuposto, entende-se que as escolas que contemplam estas formas de atuação, já superaram os conceitos de administração escolar.

Podemos afirmar que a escola ao proporcionar um ambiente agradável e afetivo entre todos os envolvidos no processo educacional, contribuirá para que haja responsabilidade e o verdadeiro comprometimento com a realização bem sucedida da aprendizagem, levando em consideração que este processo depende também da existência de uma efetiva Gestão Escolar. Pois afirma Ednir, (2006 p. 50): “Escolas são organismos vivos, onde cada uma das partes é essencial para o bom desempenho do conjunto”.

Os gestores de todas as escolas pesquisadas, acreditam que as relações afetivas acontecem dentro Gestão Escolar nas escolas do Município, através das trocas entre o aprender e o ensinar, entre professor e aluno, os alunos no ambiente escolar, no convívio diário entre os gestores, pais, alunos e servidores, na solidariedade, no clima harmonioso, quando se estabelece confiança entre todo o grupo de trabalho.

Conclui-se, portanto que a Gestão Escolar e a afetividade devem estar integradas, em todas as atividades educacionais, seja ela administrativa, pedagógica ou na gestão dos recursos humanos. Desta forma a instituição escolar terá uma equipe de trabalho motivada e comprometida, resultando numa boa Gestão e conseqüentemente uma boa educação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Educacenso 2009**. Disponível em:
<<http://www.educacenso.inep.gov.br/>>. Acessado em 08 de outubro de 2009.

DELORS, J. (org.) **Educação para o século XXI**. Porto Alegre: Artemed, 2005.

DESLANDES, S. F. *et al.* **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis- RJ: vozes, 1994.

EDNIR, M. *et al.* **Mestre da Mudança: Liderar escolas com a cabeça e o coração; Um guia para gestores escolares**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERGUSON, M. **A conspiração aquariana: transformações pessoais e sociais nos anos 60**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 1ª.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIANCATERINO, R. **Escola, professor, aluno: Os participantes do Processo Educacional**. São Paulo: Madras, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, F. P.; ARAÚJO, R. M. **Pesquisa Quanti-Qualitativa em Administração: uma visão holística do objeto em estudo**. Disponível em: <

<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/152.pdf>>
Acessado em 10 de agosto 2009.

IBGE. **Contagem Populacional 2007**. Disponível em: <
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acessado em 13 de outubro de
2009.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectivas, 1982.

LA TAILLE, Y. *et al.* **Piaget, Vygotsky, Wallon**. Teoria psicogenética em discussão.
São Paulo: Ed. Summus, 1992.

LIMA, L. O. **Introdução à Pedagogia**. São Paulo: Ed. Brasilense S. A, 1983.

LÜCK, H. **Gestão Educacional**: uma questão paradigmática. Série: Cadernos de
gestão v. 1 Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 2006.

LÜCK, H. *et al.* **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. 5. ed. Rio de
Janeiro: Ed. DP&A, 2001.

LÜCK, H. Gestão Escolar e formação de Gestores. **Em aberto**. Brasília, v.17, n. 72,
p.3 -33, 2000.

MORENO *et al.* **Falemos de sentimentos**: a afetividade como tema transversal.
São Paulo: Moderna, 1999.

MORMAÇO. **Proposta Político Pedagógica de Escolas Estaduais**. 25ª
coordenadoria Regional de Educação. Rio Grande do Sul, 2009a.

MORMAÇO. **Proposta Político Pedagógica das Escolas Municipais**. SMECD -
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto. Rio Grande do Sul, 2009b.

MORMAÇO. **Conselho Municipal de Educação**. Rio Grande do Sul, 2006.

MORMAÇO. **Prefeitura Municipal de Mormaço**. Disponível em: <<http://www.ferias.tur.br/informacoes/7881/mormaco-rs.html>>. Acessado em 08 de dezembro de 2006.

MORMAÇO. Mormaço, Meu Município, Minha Pátria. **Cartilha**. 2ª ed. Rio Grande do Sul, 2004.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. FEA-VSP. São Paulo, v.1, n. 3, p.1, 1996.

PARENTE, M.; LUCK, H. **Mapeamento da descentralização da educação brasileira nas redes estaduais de ensino fundamental**. Brasília: Ipea/Consed, 1999.

PIAGET, J. **A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Disponível em:<http://www6.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/afetividade-e-inteligencia/>>. Acessado em 05 de novembro de 2009.

_____. **Inteligencia y afectividad**. Buenos Aires: Aique, 2001.

_____. **A formação do Símbolo na criança, Jogo e Sonho, Imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1964.

PINEL, H. **A Afetividade Psicologia Educacional**: alguns textos Esparsos; Psicologia da criança numa perspectiva psicogenética - e a vida continua. Disponível em:<<http://www.neaad.ufes.br/subsite/psicologia/index.htm>>. Acessado dia 15 de novembro de 2009.

REGO, T. C. Vigotsky: uma perspectiva histórico- cultural da educação. Petrópolis-RJ: Vozes,1995

ROSENBERG, L. **Disciplina e Democracia**. In: FRANCO, L. A. C. A Disciplina na Escola. In: **Problema de Educação Escolar**. São Paulo: CENAFOR, 1986 (p.25).

SILVA, R. M. a S. **A importância da afetividade na relação professor-aluno.** In: KULLOK, M. G. B. (Org). **Relação professor aluno:** contribuições à prática pedagógica. Maceió: EDUFAL, 2002, p.66.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo.** Novos Paradigmas na Educação. 18. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

ZACHARIAS, V. L. C. **Centro de Referência Educacional:** consultoria e Assessoria em Educação. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/wallon.htm>>. Acessado em 14 de novembro de 2009.

ZANELLA, A. V. **Vigotsky:** Contexto, contribuições à psicologia e o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. Itajaí: UNIVALI, 2001.

APÊNDICE 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Como estudante do Curso de Especialização em Gestão Educacional, na UAB/ UFSM, estou desenvolvendo a pesquisa “Olhares sobre a Afetividade e a Gestão Escolar no município de Mormaço (RS)”. Tal pesquisa objetiva coleta e análise de dados que resultarão na monografia de conclusão de curso, sob a orientação da Prof. Ms. Ana Paula Cristino.

O trabalho consiste em analisar concepções de afetividade e gestão escolar de professores de anos/series iniciais e diretores das Escolas de Ensino Fundamental do Município de Mormaço (RS).

A pesquisadora responsável é Rosmeri Nicolodi Ferreira aluna do referido Curso. A pesquisadora compromete-se em esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou questionamento que os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou, posteriormente, através do telefone (54) 8406 7482 ou email rosmerinf@hotmail.com.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas, eu.....
autorizo a realização de entrevista sobre a temática proposta. () SIM () NÃO.

Em caso positivo, concordo com a utilização das minhas falas, sem identificação do meu nome, apenas com nome fictício, nos relatórios da pesquisa e publicações associadas.

() SIM () NÃO

Mormaço, de de 2009.

Assinatura do entrevistado:

Assinatura da pesquisadora responsável:

APÊNDICE 2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

QUESTIONÁRIO – AFETIVIDADE E GESTÃO ESCOLAR

Vimos por meio deste, solicitar sua contribuição para a elaboração da pesquisa intitulada “Olhares sobre a Afetividade e a Gestão Escolar no município de Mormaço(RS)”. O objetivo central do estudo é analisar concepções de afetividade e gestão escolar de professores de anos/series iniciais e diretores de Escolas de Ensino Fundamental do Município de Mormaço (RS).

É importante que você participe, para que possamos aprofundar os conhecimentos acerca das relações entre afetividade e gestão escolar.

Obrigada por sua colaboração!

Cargo: _____

Graduação: _____

Pós-graduação: _____

Tempo de atuação no cargo: _____

Tempo de atuação na rede municipal/estadual: _____

Data: ____/ ____/ 2009.

1 – Como você percebe a afetividade na escola?

2 – O que você entende por Gestão Escolar?

3 – Qual a relação que você percebe entre afetividade e gestão escolar?
